



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO
CURSO DE PSICOLOGIA**

**DAVI SANTIAGO DE FREITAS
RAIANE FERNANDES RODRIGUES**

ARTE E ADOLESCÊNCIA: uma revisão bibliográfica à luz da Gestalt-Terapia

**FORTALEZA
2023**

DAVI SANTIAGO DE FREITAS
RAIANE FERNANDES RODRIGUES

ARTE E ADOLESCÊNCIA: uma revisão bibliográfica à luz da Gestalt-Terapia

Artigo TCC apresentado ao curso de Psicologia da UNIFAMETRO como requisito para a obtenção do grau de bacharel, sob a orientação da prof.^a Dra. Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira.

FORTALEZA

2023

DAVI SANTIAGO DE FREITAS
RAIANE FERNANDES RODRIGUES

ARTE E ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA À LUZ DA GESTALT
TERAPIA.

Artigo TCC apresentado no dia 13 de junho de 2023 como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia da UNIFAMETRO, tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira
Orientadora – UNIFAMETRO

Prof.^o. Ma. Amanda Livia de Lima Cavalcante
Membro – UNIFAMETRO

Prof.^a. Ma. Teresa Gláucia Gurgel Gabriele
Membro – UNIFAMETRO

AGRADECIMENTOS

Nossa imensa gratidão à Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira, por todo suporte e orientação excepcional no processo de construção desse trabalho. À Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa e Amanda Livia de Lima Cavalcante, pela disponibilidade, dedicação e participação na banca examinadora. E por fim a todos os amigos e familiares que confiaram e nos apoiaram durante essa trajetória desafiadora.

ARTE E ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA À LUZ DA GESTALT TERAPIA.

Davi Santiago de Freitas¹
Raiane Fernandes Rodrigues²
Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira³

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão integrativa que tem por objetivo analisar as intersecções entre a arte e a Gestalt-Terapia e expor a potencialidade dessa relação para a atuação de profissionais da psicologia com adolescentes. Ao compreendermos mais profundamente a interação entre arte, Gestalt-Terapia e adolescência, poderemos ampliar as possibilidades de intervenção terapêutica nessa fase do desenvolvimento, oferecendo aos adolescentes um espaço de expressão, reflexão e transformação. Foram analisados artigos disponíveis em bases de dados eletrônicos nos últimos dez anos, publicados no Brasil e em português. A Gestalt-Terapia e a arte possuem proximidades teóricas e podem ser grandes aliadas para proporcionar um ambiente terapêutico rico em possibilidades, oferecendo um canal de comunicação capaz de dar forma àquilo que se desenha existencialmente para o sujeito, mas ainda não se mostra completamente. A partir da pesquisa foi identificada uma escassez de produções que direcionam essa aliança para o público adolescente. Dessa maneira, este artigo nos convida a refletir sobre o que invisibiliza os adolescentes diante dessa temática.

Palavras-chave: Arte; Adolescência; Gestalt-Terapia.

ABSTRACT

This article presents an integrative review aimed at analyzing proposals for working with adolescents in different practical contexts, based on the relationship between art and Gestalt therapy. By gaining a deeper understanding of the interaction between art, Gestalt therapy, and adolescence, we can expand the possibilities for therapeutic intervention during this crucial phase of life, providing adolescents with a space for expression, reflection, and transformation. Articles available in electronic databases over the past ten years, published in Brazil and in Portuguese, were analyzed. Gestalt therapy and art share theoretical affinities and can be great allies in creating a therapeutic environment rich in possibilities, offering a communication channel capable of giving shape to what is existentially emerging for the individual but is not yet fully revealed. However, a scarcity of studies focusing on this alliance for the adolescent population was identified. Thus, this article invites us to reflect on what invisibilizes adolescents in relation to this topic.

Key words: Adolescence; Gestalt Therapy.

¹ Graduando do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

² Graduando do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

³ Prof^a. Dra. do curso de Psicologia da UNIFAMETRO.

1 INTRODUÇÃO

Entendida como uma atividade que possibilita a expressão da relação do homem com o mundo por meio de variados recursos, a arte está intrinsecamente ligada à busca por significados e à possibilidade de novos encontros com o mundo. Desde tempos remotos, as culturas têm utilizado a arte como forma de comunicação e reflexão, sendo “[...] quase tão antiga quanto o homem” (FISCHER, 1987. p.20).

Rhyne (2000, p. 40) define a arte como uma experiência subjetiva, ou seja, toda expressão artística carrega traços da forma com que o artista vê, sente, pensa e percebe os estímulos ao seu redor. Ainda que um sujeito faça um desenho ou pinte um quadro sem reconhecer a influência desses traços em sua produção, eles estão lá. O paralelo que Rhyne (2000) faz entre “arte” e “experiência” é amparado pela Gestalt-Terapia, que, segundo a autora, possui uma série de outros “parentescos” com o processo de fazer arte, que serão demonstrados mais a frente.

A Gestalt-Terapia, abordagem psicoterapêutica de matriz humanista e fenomenológica, enfatiza a importância da experiência vivida no momento presente. Nesse contexto, a arte e a Gestalt-Terapia surgem como recursos promissores, capazes de oferecer uma abordagem terapêutica criativa, possibilitando a expressão e a exploração de emoções, pensamentos e experiências de forma não verbal, oferecendo um canal de comunicação diferenciado e rico em possibilidades, capaz de dar forma àquilo que se desenha existencialmente para o sujeito, mas ainda não se mostra completamente.

A partir dessas perspectivas, nos debruçamos sobre o fenômeno da adolescência, compreendida como uma categoria socialmente construída, associada ao período da puberdade. Nesse sentido, é significada como uma fase de transição e descobertas, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais. Nesse período, os jovens enfrentam desafios e dilemas que podem influenciar significativamente seu desenvolvimento e bem-estar psicológico.

Diante dessas demandas, é essencial que profissionais da psicologia disponham recursos terapêuticos eficazes e adequados para atender às necessidades específicas dos adolescentes. Por este motivo, esse estudo se torna relevante pela necessidade de compreender as especificidades atuais do uso da arte como recurso terapêutico em Gestalt-Terapia no contexto da adolescência.

Com base nessas considerações, tomamos como objetivo de nossa pesquisa analisar as intersecções entre a arte e a Gestalt-Terapia e expor a potencialidade dessa relação para a atuação de profissionais da psicologia com adolescentes. Para isso, foram pesquisados artigos disponíveis em bases de dados eletrônicas, publicados no Brasil, nos últimos dez anos, em português, que tiveram por objetivo investigar o uso da arte como recurso terapêutico através do olhar da abordagem gestáltica com adolescentes.

Ao compreendermos mais profundamente a interação entre arte, Gestalt-Terapia e adolescência, poderemos ampliar as possibilidades de intervenção terapêutica nessa fase do desenvolvimento humano, oferecendo aos adolescentes um espaço de expressão, reflexão e transformação. Acredita-se que essa revisão integrativa possa contribuir para o aprimoramento das práticas psicoterapêuticas, embasadas em evidências e voltadas para a promoção da saúde mental e o desenvolvimento saudável dos adolescentes

2 GESTALT-TERAPIA E ARTE

A Gestalt-Terapia é uma abordagem psicoterapêutica de matriz humanista e fenomenológica, criada por volta de 1940, pelo chamado grupo dos sete, composto por Frederick Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz, Sylvester Eastman e Elliot Shapiro. Mais tarde Ralph Hefferline também ingressou no grupo. considera-se, como um de sua publicização a publicação da obra *Gestalt-Therapy: excitement and growth in the human personality*, escrita por Fritz Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline, em 1951.

Conforme Ribeiro (2016) e Nascimento e Ribeiro (2017), essa abordagem teórica está fundamentada na Teoria de campo, na Teoria Holística, no Humanismo, no Existencialismo e na Fenomenologia, além de ter incorporado saberes da Psicanálise, da Teoria reichiana, do Zen-Budismo, do Taoísmo, da Teoria Organísmica, do Teatro de Max Reinhardt, do Holismo, entre outras.

Segundo Frazão e Fukumitsu (2013, p.13), a fenomenologia é o “estudo dos fenômenos”, ou “estudo daquilo que é dado à consciência”. Ademais, as autoras definem também que a noção de consciência em fenomenologia é vinculada ao ser,

por meio da relação deste com o mundo, por meio do seu corpo como um todo, e não somente da intuição ou percepção, como concebia a psicologia tradicional. Dessa maneira, para a fenomenologia, “tudo que for aparente, óbvio e preconcebido é colocado em questão” (Frazão e Fukumitsu, 2013. p.14).

Fritz Perls (1988, p.76) trouxe essa fundamentação fenomenológica definindo a terapia gestáltica como uma terapia do “aqui e agora”, em que o cliente volta toda sua atenção para o que está acontecendo naquele momento, desde sua história, seus gestos, respiração, emoções ou pensamentos, levando o sujeito para um movimento de experienciar si mesmo.

De acordo com Ribeiro (2012, p.66), a aprendizagem e solução de problemas que são encontradas pelo sujeito se dão através das intuições (ou *insights*), que são súbitas alterações no campo perceptual, que ocorrem por meio desse movimento de “olhar para si” de forma cada vez mais ampla. São os *insights* que nos permitem entrar em contato com o novo. O acúmulo dos *insights* é o que nos leva a outro conceito importante da Gestalt-Terapia, a *awareness*. Dessa maneira, Perls (1988, p. 89) define *awareness* como a capacidade de perceber e experimentar os processos internos e externos que podem estar causando sofrimento ou limitação, bem como transformá-los.

Rhyne (2000, p.43) define que a arte se relaciona com a Gestalt-Terapia por ser um recurso em que o sujeito pode se expressar ativamente de forma fluida, liberando sentimentos que estavam escondidos de si mesmo e tornando explícito o que estava implícito. Sendo assim, a arte e a Gestalt-Terapia demonstram uma afinidade por seu caráter fenomenológico, pela possibilidade de facilitar o contato com aquilo que até então não estava acessível à consciência.

Zinker (2007, p.280) define que “a criação é um processo, não um ato ou experiência única”. Dessa maneira, o autor define que o sujeito que cria está em constante movimento, desde o primeiro momento em que se pensa em criar. Para Zinker (2007), o processo criativo que a arte propõe possui um valor terapêutico pela confirmação do movimento interno direcionado à totalidade experiencial do sujeito.

Tendo em vista as possibilidades de expressão da subjetividade e a transformação do psiquismo que ela promove, podemos considerar a arte como um recurso para o cuidado em saúde mental através da Arteterapia, definida pela União

Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT) como o uso da arte como base de um processo terapêutico.

Conforme Reis (2014) a arteterapia foi sistematizada primeiramente em 1941, pela norte-americana Margaret Naumburg (1890-1983) no seu trabalho intitulado “Arteterapia de Orientação Dinâmica”, que foi sustentado pelos fundamentos da Psicanálise. Atualmente outras teorias também estão sendo fonte de fundamentação para a arteterapia, tais como a Gestalt-Terapia de Perls, o Psicodrama de Moreno, as linhas humanista, sistêmica e transpessoal.

O autor ainda aponta a Arteterapia como instrumento de intervenção profissional para a promoção da saúde e a qualidade de vida, através do uso de atividades artísticas, onde são utilizadas técnicas como desenho, música, pintura, modelagem, poesia, dramatização e dança, os quais possibilitam autoconhecimento e promovem a criatividade.

Para Vasconcellos e Giglio (2007), “as técnicas da arteterapia se baseiam no conhecimento de que cada indivíduo, treinado ou não em arte, tem uma capacidade latente de projetar seus conflitos internos em forma visual”, tal projeção acontece mediante a expressão artística, que segundo Andrade (2000) revela a subjetividade do indivíduo, seu modo de ver a si mesmo e ao mundo, o que possibilita o autoconhecimento, a resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e o desenvolvimento geral da personalidade.

A arteterapia é pensada a partir de duas vertentes: a terapia (*art as therapy*) e arte psicoterapia (*art psychotherapy*). Vasconcellos e Gigilio (2007) fazem a diferenciação dessas maneiras de atuação pontuando que na primeira o processo artístico é o foco e na segunda as expressões artísticas surgem como que vai agregar no processo terapêutico e no vínculo entre terapeuta e paciente.

No Brasil a arteterapia é uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), que segundo o Ministério da Saúde, são recursos terapêuticos que buscam a prevenção de doenças e a recuperação da saúde, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. As PICS foram institucionalizadas através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC), onde a arteterapia foi incluída por meio da Portaria nº 849/2017.

De acordo com a UBAAT, para ser reconhecido como arteterapeuta é necessário realizar uma pós-graduação, especialização ou formação em arteterapia, que possua no mínimo a carga horária de 360 horas/aula, 100 horas de estágio e 60 horas de supervisão, chegando ao total de 520 horas. Sendo permitida a realização desse curso por profissionais de diversas áreas como, psicologia, psiquiatria, enfermagem, arte-educação, pedagogia, entre outras. Os quais podem trabalhar com pessoas de todas as idades, de maneira coletiva ou individual.

3 O FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é vista por perspectivas distintas nas mais diversas culturas, entretanto o modelo como conhecemos não existe para todos os povos. Em algumas sociedades são os ritos de passagens que marcam a transição da infância para a vida adulta. Para Moraes e Weinmann (2020) a adolescência se produz entre o sujeito e cultura, o que torna a concepção da mesma mutável.

No Brasil, essa fase do desenvolvimento humano possui diversas conceituações, tanto as das abordagens teóricas, como as do senso comum, reproduzidas pela sociedade. Em razão disso, é imprescindível para essa pesquisa que seja adotado um caminho teórico específico. Sendo assim, tomamos como base conceitual a definição de adolescência a partir da Gestalt-Terapia..

Baroncelli (2012) defende que esse não é um período experienciado igualmente por todos os indivíduos, tendo em mente que é construído subjetivamente a partir da relação do sujeito com o ambiente em que ele está inserido. Portanto, apesar de não serem ignoradas as mudanças físicas e biológicas que um indivíduo sofre nessa fase do desenvolvimento, aspectos culturais, econômicos, históricos, étnicos e sociais são igualmente considerados nessa concepção de adolescência.

Isto é, não existe somente uma única maneira de adolecer, essa fase do desenvolvimento é múltipla e não deve ser enquadrada e reduzida a características generalistas, uma vez que os aspectos citados atravessam os adolescentes e interferem em como eles vivenciarão esse período.

Apesar de Kurt Lewin entender a adolescência como um fenômeno singular, ele considera que nesse período os indivíduos “têm maiores recursos cognitivos,

sociais, físicos e de linguagem para contatar o ambiente e a si mesmo” não deixando de considerar o ambiente e as suas singularidades (Baroncelli, 2012, pag. 192).

Embora o adolescer seja vivenciado a partir de circunstâncias que atravessam o sujeito, alguns conflitos e vivências são próprios desse período, tais como a busca por autonomia e realização, conflitos nas relações familiares e em outras relações afetivas. Nesse sentido Campos e Goto (2017) afirmam que “jovens normalmente são portadores de diversos conflitos consigo e com a sociedade”.

Para além desses conflitos os adolescentes que possuem algumas características identitárias tais como gênero, raça e etnia, estão mais vulneráveis às violências e opressões, o que pode ser compreendido por meio da interseccionalidade. Conforme Paula et al.(2022) “a interseccionalidade é uma ferramenta metodológica de pensamento sobre os marcadores sociais de diferença” (p. 05).

Diante disso vale destacar que segundo O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), no Brasil os adolescentes são a maioria das vítimas de mortes violentas. Das 35 mil mortes violentas de pessoas até 19 anos identificadas entre 2016 e 2020, mais de 31 mil tinham entre 15 e 19 anos. À vista disso, percebe-se a urgência da Gestalt-Terapia explorar recursos a serem utilizados no enfrentamento dessas violências com tal população.

Tendo em vista que na adolescência, período de transformações físicas, psicológicas e sociais, atividades e vivências artísticas surgem como grandes aliadas no enfrentamento de tais mudanças, uma vez que favorecem o fortalecimento da identidade, desperta a capacidade de criação e de expressão de sentimentos, impulsiona o desenvolvimento pessoal e amplia o senso crítico.

4 METODOLOGIA

Esse estudo se ancora na abordagem qualitativa, que possui caráter subjetivo e tem por objeto de pesquisa, ações sociais individuais e grupais, que passam por uma investigação minuciosa de dados (Martins, 2004). Para tal adotou-se a metodologia de revisão integrativa, conceituada por Silveira e Galvão (2005) como um método de pesquisa, capaz de possibilitar que conhecimentos científicos já produzidos, sobre a temática investigada, sejam recolhidos e sintetizados.

Contempladas as fases de escolha do tema da pesquisa, definição dos termos de busca, dos buscadores e bases de dados e dos critérios de inclusão e exclusão, seguimos para a busca na literatura e a coleta de dados. O material encontrado seguiu para a análise crítica, derivando daí a discussão dos resultados e a apresentação da revisão integrativa, que compõe esse trabalho.

Para a coleta de dados dessa pesquisa, realizamos buscas em bases de dados eletrônicos, por meio dos buscadores Portal Periódicos Capes em razão de sua confiabilidade científica e dos filtros que ele disponibiliza que possibilitam um melhor resultado na pesquisa, além do Google Acadêmico por ser um buscar que garantiu maior expansão na pesquisa. A escolha por dois sítios buscadores se deu pela tentativa de ampliar os resultados encontrados, uma vez que no primeiro buscador, acima referenciado, os números foram restritos.

Portanto, foram utilizados na pesquisa os descritores “arte”, “Gestalt-terapia” e “adolescência”, e o operador booleano AND para definir as devidas combinações entre as palavras de busca, a fim de melhor recortar o tema da pesquisa. Nas buscas foram realizadas as seguintes combinações: Arte and Gestalt; Gestalt and Arte; Adolescência and Gestalt; Gestalt and Adolescência; Adolescência and Arte; Arte and Adolescência; Adolescência and Arte and Gestalt.

Elegemos como critérios de inclusão artigos em português, publicados no Brasil, nos últimos dez anos, nas bases de dados eletrônicos CAPES e Google Acadêmico, com texto completo disponível. Os critérios de exclusão referiram-se a trabalhos publicados em outros idiomas, que não o português; em bases de dados cuja fidedignidade científica é inconsistente; trabalhos de conclusão, dissertações e teses de conclusão de curso; produções que não contemplavam os objetivos da pesquisa e cuja publicação é superior a dez anos.

Dessa maneira foram encontrados o total de 22 artigos, dos quais 18 foram descartados devido à incompatibilidade com a temática da pesquisa, por não se encaixarem aos critérios de inclusão ou ainda pela indisponibilidade do texto online. Restaram, portanto, 4 artigos para análise, os quais apresentamos no Quadro 1, abaixo:

Quadro 01 – Artigos Analisados.

Nome do artigo	Objetivo	Autores	Periódico	Ano de publicação
Arteterapia: a Arte Como Instrumento No Trabalho do Psicólogo	Refletir sobre a arte como instrumento de trabalho no campo específico da Psicologia.	Alice Casanova dos Reis	Psicologia: ciência e profissão	2014
A Arte Como Instrumento Terapêutico Sob o Enfoque da Gestalt-Terapia	Refletir sobre o papel da arte como instrumento terapêutico na atuação do psicólogo clínico sob o olhar da abordagem da Gestalt-terapia.	Marília Maia Lincoln Barreira, Kilvania Bezerra Gomes da Silva Martins	Rev. FSA, Teresina, v. 14, n. 3	2017
Gestalt-Terapia: o Ofício da Arte	Realizar um levantamento bibliográfico em produções da Gestalt-Terapia, sobre possíveis influências e fundamentos para a afirmativa da mesma ser descrita tanto uma arte quanto uma ciência.	Laura M. Caruso	Revista IGT na Rede, v. 16, nº 31	2019
A Gestalt-terapia na Fronteira: alteridade e reconhecimento como cuidado	Propor uma discussão sobre os desafios da clínica da GestaltTerapia no trabalho com populações em situação de invisibilidade social abordando, a partir da sua noção de fronteira de contato, os temas da alteridade e do reconhecimento como constitutivos de uma ação clínica de cuidado neste contexto.	Monica Botelho Alvim	Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 19, n. 4	2019

Fonte: Freitas e Rodrigues, 2023.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Arte como recurso terapêutico

Reis (2014) defende a arte como uma ferramenta que precisa ser mais explorada pelos profissionais da psicologia, nesse sentido, o autor apresenta a

Arteterapia como instrumento de intervenção profissional para a promoção de saúde e a qualidade de vida, através do uso de atividades artísticas, bem como um método capaz de inserir a arte no trabalho de psicólogos e psicólogas, mesmo diante da diversidade de contextos em que eles atuam.

Segundo Reis (2014) uma das principais abordagens na Arteterapia é a gestáltica, a qual possui como conceito central a ampliação da percepção do sujeito sobre si mesmo por meio de vivências artísticas. Tal qual expõe as produções artísticas como promotora do desenvolvimento pessoal do indivíduo, facilitando o reconhecimento de potencialidades ainda não percebidas por ele. Nesse sentido, no tocante a vivência artística, a autora indica que essa “não somente permite ao sujeito desvelar-se pelas formas criadas em modos de ser até então ignorados por ele mesmo, mas ainda revelar-se, projetando-se por formas diversas em novos modos de ser-no-mundo” (REIS, 2014, p. 154). Portanto, elucida que a arte pode promover mudanças nas configurações mentais do sujeito.

Nas vivências artísticas a criatividade surge como uma ferramenta de suma importância, tendo em vista o que afirma Reis (2014), ao indicar que é no fazer criativo que se produz o novo, o que ainda não está posto, dando significado a ele e o expressando. Posto isto, a autora orienta que o profissional psicólogo deve ter em mente que a arte não é uma ferramenta apenas que possibilita a expressão da subjetividade, tendo em vista a sua capacidade de modificar e construir novos modos de objetivação e subjetivação, ou seja, novas formas de ser no mundo.

Nessa mesma dimensão, Barreira e Martins (2017) propõem uma reflexão acerca do papel da arte como instrumento terapêutico na atuação do psicólogo clínico sob o olhar da abordagem da Gestalt-Terapia, exprimindo a potencialidade da arte em ser um instrumento importante para que o indivíduo crie novas formas de lidar consigo, com os outros e com o mundo. Nesse sentido, eles apresentam a arte sendo uma ferramenta poderosa para o alcance da meta da Gestalt-Terapia: “tornar a pessoa plenamente consciente (*aware*) para que ela possa agir para a satisfação de suas necessidades” (BARREIRA; MARTINS, 2017, p. 205).

Assim, criatividade é considerada em sua função de extrema relevância para que a arte seja usada como um recurso em Gestalt-Terapia, tendo em mente que a criatividade recebe grande estímulo em produções artísticas e ainda por ser vista como possibilitadora do ajustamento criativo. Além do mais, conforme Barreira e

Martins (2017), Kurt Goldstein, em sua Teoria Organísmica, traz a criatividade como uma facilitadora fundamental para o sujeito realizar a autorregulação saudável.

Barreira e Martins (2017), assim como Reis (2014), apontam a relevância da vivência artística na Gestalt-Terapia, quando conceituam sendo uma maneira de o indivíduo experienciar e protagonizar um evento, estando emocionalmente implicado no momento presente, isto é, no aqui-e-agora. Os autores, ainda sustentam que expressões artísticas facilitam essa vivência.

4.2 Fronteiras

O artigo “A Gestalt-Terapia na Fronteira: Alteridade e Reconhecimento como Cuidado” (Alvim, 2019) propõe uma reflexão acerca do fazer ético-político da clínica em Gestalt-Terapia por meio de uma discussão dos conceitos de “fronteiras”. Iniciando pelas considerações de Laura Perls, o artigo traz a definição de fronteira de contato como o tempo-lugar do encontro na Gestalt-Terapia, onde se dá a experiência com o novo. Ademais, o artigo dialoga com os conceitos de fronteira de autores como Boaventura de Sousa Santos, que diz ser preciso “ir até às margens para que possamos ver microscopicamente o que excluímos”, e Anzaldúa, que denomina como zonas de fronteira as fronteiras geográficas que invisibilizam as pessoas sem direitos.

Dessa maneira, o artigo propõe que como Gestalt-Terapeutas é preciso pensar em maneiras de sempre estar em contato com as fronteiras, sejam elas geográficas ou subjetivas dentro da clínica, sendo dever ético e político propor reflexões e ações acerca, assim como propõe Merleau-Ponty (2000) ao definir como essencial que enxerguemos as linhas de forças invisíveis que moldam nossa “armadura interior” e a forma com que enxergamos o mundo.

Por fim, o artigo traz um relato de experiência de uma proposta de clínica gestáltica com jovens de favelas no Rio de Janeiro. O projeto de nome “Expressão e Transformação: arte e subjetivação com crianças e jovens”, realizado na Mangueira entre os anos de 2010 e 2017 tem como foco metodológico a pesquisa-ação e trata de questões sobre como é ser adolescente na comunidade por meio de encontros semanais com jovens entre 14 e 17 anos de idade. O grupo propôs intervenções artísticas por meio de deslocamentos imaginários e performances (dança e teatro), visando proporcionar aos jovens o encontro com suas próprias fronteiras ao

compartilharem suas experiências em grupo, o que é trazido por Merleau-Ponty (2000) como a experiência de descentramento.

Por sua vez, o artigo “Gestalt-Terapia: O Ofício da Arte”, Caruso (2019) traz uma revisão bibliográfica acerca das possíveis aproximações entre arte e Gestalt-Terapia, além de relatos de experiências vividas na clínica que elucidam essa relação. Dessa maneira, a autora explana, em seus levantamentos, que “a fenomenologia da Gestalt-Terapia abre as portas para que a arte possa acontecer no espaço terapêutico” (p.247). Ademais, o artigo conclui que “o lugar da arte na Gestalt-Terapia é justamente no encontro entre o terapeuta e cliente, no vínculo” (p.253).

4.3 Adolescência e a escassez de produção

Dentro das pesquisas realizadas neste estudo, percebe-se a escassez de produções acerca do tema proposto. Identificamos, em sua maioria, artigos que relacionam a arte e a Gestalt-terapia, mas pouco abordam as propostas de atuação com adolescentes.

Podemos dizer que o artigo de Alvim (2019) é o que versa de modo mais aproximado sobre a proposta, apostando na expressão artística como um dos recursos a serem explorados, com a finalidade de propiciar a jovens periféricos e socialmente invisibilizados, elaborarem suas existências de novas formas, por meio da criatividade. Além de dar pistas que essa capacidade de criar uma maneira diferente de ser no mundo pode contribuir para romper com as estruturas de dominação e opressão que eles sofrem, ao colocá-los em posição de protagonistas.

No entanto, apesar das reflexões de Alvim (2019), sua produção não é focada nessa proposta direcionada aos adolescentes, o que a autora deixa claro em sua produção. Considerando o enfoque de nossa pesquisa, entretanto, nos cabe dizer que a autora não mergulha no tema prático, permanecendo na superfície, sem oferecer maiores detalhes acerca da atuação com os adolescentes.

Diante desse cenário, identificamos a escassez de material destinado à relação da arte como um recurso terapêutico, Gestalt-Terapia e adolescência. Tal entendimento aponta um dado relevante e provoca o seguinte questionamento: o que

invisibiliza os adolescentes quando se pensa em produções científicas a respeito dessa temática?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arte demonstra ser uma grande aliada para a Gestalt-Terapia, tanto no contexto clínico tradicional como em contextos de atuações distintas, contribuindo para o processo de *awareness*, isto é, promovendo maior ampliação da consciência, propiciando a experiencição do aqui-e-agora e facilitando que os indivíduos criem e recriem seus modos de ser no mundo, a partir do ajustamento criativo e da autorregulação. A Gestalt-Terapia e a arte possuem tão grande proximidade, que a psicoterapia gestáltica também pode ser vista enquanto arte, onde o vínculo entre terapeuta e cliente é fundamental para criar um espaço que possibilita a expressividade da subjetividade, fomenta a criatividade e promove a experiência da espontaneidade.

A arte como um recurso em Gestalt-Terapia para adolescentes invisibilizados socialmente, apresenta capacidade de promover reflexões acerca do reconhecimento de si e do outro. Possibilita colocar esses adolescentes em uma posição de protagonismo, evidenciando a arte como expressão de resistência a estruturas de opressão que violentam diariamente essa população.

Apesar disso, houve grande dificuldade por parte dos pesquisadores de encontrar produções científicas que dialogassem arte, Gestalt-Terapia e adolescência, devido a baixa quantidade de materiais envolvendo essa temática. Tal circunstância dificultou o desenvolvimento das discussões e resultados desse estudo, no entanto evidenciou a necessidade de refletir acerca desse dado.

Essa pesquisa nos convida a refletir, enquanto futuros profissionais da psicologia e gestalt-terapeutas, acerca da baixa produção de artigos científicos investigando a arte como instrumento terapêutico em Gestalt-Terapia para adolescentes, mesmo sabendo-se da valiosa importância e potência da arte, independente da população em que é usada. Essa constatação considera a possibilidade da existência de materiais não contemplados por nossos critérios de inclusão, como os trabalhos de conclusão de formações específicas na área, mas também reflete a necessidade de incentivo para a publicação de artigos, os quais são,

muitas vezes, os materiais mais acessíveis e buscados por determinados públicos que querem conhecer introdutoriamente a temática. Nesse sentido, apontamos, como abertura para novas investigações, a necessidade de outros estudos que expandam a temática e se debruçem sobre esses materiais.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Monica. A Gestalt-Terapia na Fronteira: Alteridade e Reconhecimento como Cuidado. Rio de Janeiro: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 2019.
- ARTETERAPIA. União Brasileira de Associações de Arteterapia, [s.d]. Disponível em: <https://www.ubaatbrasil.com/>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BARONCELLI, Lauane. Adolescência: fenômeno singular e de campo. Goiânia: Rev. **Abordagem Gestalt**, 2012.
- BARREIRA, Marília; MARTINS, Kilvania. A Arte Como Instrumento Terapêutico sob o Enfoque da Teresina: Rev. **FSA**, 2017.
- BARROSO, Sonia; SUPERTI, Tatiane. **Vigotski e o Estudo da Psicologia da Arte: Contribuições para o desenvolvimento**. Maringá: Universidade Federal de Maringá, 2014.
- BRASIL. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Ministério da da Saúde.
- CAMPOS, Simeia; GOTO, Tommy. Os Conflitos e Valores na Juventude: Transição para a Maturidade Phenomenological Studies - **Revista da Abordagem Gestáltica**, 2017.
- CARUSO, Laura. Gestalt-Terapia: O Ofício da Arte. Revista **IGT na Rede**, 2019.
- FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987
- FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. (2013). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus
- MORAES, Bruna; Weinmann, Amadeu. **Notas Sobre a Historia da Adolescência**. Estilos da Clínica, 2020.
- NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Reflexões acerca da formação em Gestalt-terapia no Brasil. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, Vol. 1, n. 1, p. 142-153, jul./dez. 2017.
- PAULA, Leonardo; BATISTELLI, Bruna; CRUZ, Lília. Rio Grande do Sul: **Quaderns de Psicologia**, 2022. Narrativas ficcionais e interseccionais no acolhimento institucional de crianças e adolescentes.
- Perls, Friederich Salomon, (1988). **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- POLÍTICA Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. **Secretaria de Atenção Primária à Saúde**, [s.d].

REIS, Alice. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Santa Catarina: **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2014.

RESOLUÇÕES da UBAAT. **Associação Brasil Central de Arteterapia**, [S.D].
RIBEIRO, Jorge Ponciano. (2012). **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. (8. ed.) São Paulo: Summus

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: Conceitos básicos**. 3.ed. São Paulo: Summus, 2016.

RHYNE, Janie. (2000). **Arte e gestalt: padrões que convergem** (M. B. P. Norgren, trad.). São Paulo: Summus.

VASCONCELLOS, Erika; GIGLIO, Joel. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. Campinas: **Estudos da Psicologia**, 2007.

UNICEF. do O Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2022.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt- terapia**. São Paulo: Summus, 2007.